



## **Fazer e contar: o protagonismo das mulheres trabalhadoras rurais do Nordeste na sistematização de suas práticas agroecológicas**

Gabriela Monteiro Araújo – Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste

[gabbrielaaraujo@gmail.com](mailto:gabbrielaaraujo@gmail.com)

Maria Verônica de Santana – Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste

[veronicaassentada@hotmail.com](mailto:veronicaassentada@hotmail.com)

### **Resumo**

O presente estudo narra o processo de formação em sistematização de experiências agroecológicas vivenciado pelas mulheres trabalhadoras rurais do MMTR-NE. A partir de sua rica diversidade de territórios, as trabalhadoras rurais nordestinas compartilharam conhecimentos sobre as práticas agroecológicas, a partir de uma reflexão feminista e anti-capitalista. Elas também aprenderam técnicas para desenvolver uma perspectiva nova, que as permitisse ser sujeito político não apenas na produção de alimentos e criação de animais, mas também na produção de informação e material de divulgação de suas histórias. As sistematizações viraram boletins que são distribuídos em diversos espaços de participação, além de já terem recebido prêmios nacionais, somando visibilidade e reconhecimento à luta das mulheres.

### **Abstract**

This study reveals the process of education in systematization of agroecological experiences lived by rural women workers MMTR-NE. Starting at the rich diversity of their territories, the northeastern rural workers shared knowledge of agroecological practices, from a feminist and anti-capitalist reflection. They also learned techniques to develop a new perspective, that allowed them be political subject not only in food production and animal husbandry, but also in the production of information and promotional materials of their stories. The systematizations became newsletters that are distributed in different areas of participation, and have already received national awards, adding visibility and recognition to women's struggle.

### **Palavras-chave**

Mulheres rurais; Nordeste; feminismo; agroecologia; sistematização

### **Key Words**

Rural women; Northeast; feminism; agroecology; systematization



## **Introdução**

Na década de 1980, motivadas pela necessidade de aprofundar a discussão de gênero, assumir a autoria do processo organizativo e terem suas identidades reconhecidas, as trabalhadoras rurais dos estados de Pernambuco e da Paraíba se articularam para criar o Movimento da Mulher Trabalhadora Rural do Nordeste (MMTR-NE), que posteriormente agregou os demais estados da região e até hoje atua em todo o Nordeste.

A gênese do MMTR-NE já anuncia a força do protagonismo das trabalhadoras rurais, que se recusaram nos sindicatos a ocupar cargos de secretária (porque mulheres escreviam com “a letra mais bonita”) e resistiram à (o)pressão masculina que minimizava a urgência de suas pautas. Posteriormente, as mulheres do MMTR-NE amadureceram sua autoafirmação como feministas e hoje o projeto político da organização é assumidamente feminista e agroecológico.

Ao longo dos anos, as produtoras/experimentadoras agroecológicas do MMTR-NE vêm avançando na garantia de segurança e soberania alimentar e nutricional em suas casas, famílias, comunidades e territórios. Suas práticas transformam os lugares onde vivem e a percepção que têm de si mesmas. No entanto, ainda há uma grande dificuldade em conseguir visibilizar tais ações, sendo pouca a divulgação das experiências agroecológicas que têm à frente mulheres como principais tomadoras de decisão – e também as experiências exclusivas das mulheres.

Por isso, no ano de 2012, nós tomamos uma importante decisão: priorizar a visibilidade dessas experiências. E fazer isso através de uma metodologia feminista, vivenciando uma construção coletiva coerente com nosso processo formativo da educação popular. Se um dos princípios da agroecologia é a experimentação, nossa decisão foi por “experimentar” o papel não apenas de sistematizadas – mas de sistematizadoras das nossas próprias práticas.

Para nos acompanhar nessa sementeira, contamos com o apoio de parceiras que se dispuseram a nos ajudar a aprofundar a reflexão e aperfeiçoar



o olhar sobre alguns conceitos estratégicos (feminismo, agroecologia, autonomia política e econômica, segurança alimentar) e também sobre aspectos mais técnicos da sistematização. Assim, planejamos com muito diálogo e carinho os caminhos para assumirmos o registro das nossas histórias.

### **Descrição da experiência**

O longo período de estiagem de 2012, associado com a falta de políticas públicas para a convivência com o semiárido, tornava ainda mais desafiador o cotidiano no Povoado de Morro Vermelho, no município de Mata Grande, estado de Alagoas. Vindas dos nove estados do Nordeste, atravessando longas distâncias e muitas horas de viagem, num cenário de mato seco e carcaça dos animais que não resistiram a falta d'água, cerca de vinte trabalhadoras rurais chegaram a comunidade na manhã do dia nove de maio.

Nossa missão era de passarmos juntas três dias, conversando sobre a nossa história e construindo a melhor maneira de contá-la ao mundo, no que chamamos de Oficina Regional de Sistematização de Experiências, com a ideia de ser uma oficina matriz, posteriormente multiplicada nos estados. Contar também essa história a nós mesmas, para afirmar nossa identidade, celebrar a resistência e as conquistas da nossa luta. Economizando água com consciência, comendo peixes do açude, dormindo na igreja local e cantando canções do Nordeste nos intervalos das atividades, fomos cada vez mais nos conectando com nosso espírito coletivo e abraçando o desafio de ousar realizar algo novo.

Ao longo do tempo que estivemos juntas, conversamos muito sobre a importância das nossas experiências e seus impactos nas relações familiares, no nosso empoderamento, na economia local, nas políticas públicas e na sociedade. Valorizando nossos conhecimentos, nos preparamos para o mais estimulante: aprender a fazer perguntas. Muitas vezes, é difícil olhar para a própria experiência e saber o que merece ser destacado e o que não. Como escolher o que registrar e passar adiante o conhecimento que nos liberta?



Algumas orientações nos guiaram pela busca das informações essenciais para o registro de nossa memória. Tendo como foco o papel das mulheres nas experiências, aprendemos a fazer as perguntas adequadas para compreender as dificuldades, estratégias, projetos, ganhos, sonhos... Aprendemos a dividir tarefas (tirar fotografias; registrar as perguntas; conduzir a conversa/perguntas; observar; registrar o que chamou a atenção) e assim sair do lugar de “sistematizadas” para nos tornarmos sistematizadoras.

Nós nos dividimos em dois grupos para visitar experiências distintas: a horta de Cleide, ali mesmo no Povoado de Morro Vermelho, e uma experiência coletiva, de um grupo de mulheres que criava ovinos na Comunidade de Pedra Miúda. Câmeras, cadernos e canetas a postos, partimos para as visitas. Muitas mulheres presentes já haviam tido a oportunidade de terem suas experiências sistematizadas em boletins. No entanto, nenhuma havia atuado como sistematizadora. E foi com muita alegria que inauguramos mais uma habilidade.

Pois sistematização, assim como agroecologia, a gente aprende na prática, experimentando. Assim, fizemos o exercício de utilizar lentes feministas e agroecológicas no nosso olhar, observando detalhes de cada uma das experiências à luz dos conceitos políticos que havíamos discutido durante a atividade. Aplicamos também as orientações técnicas para levar informações sobre a produção, as relações, o contexto em que vivem as mulheres e a relevância de seus esforços.

No dia seguinte, todas nos sentamos para discutir questões que surgiram durante o levantamento das informações, revisitando as anotações, buscando consenso entre as observações e escrevendo os textos. O resultado concreto disso foi a produção de dois excelentes textos – mas estes eram só os textos iniciais. Cada trabalhadora rural presente assumiu a responsabilidade de voltar para seu estado e realizar o mesmo processo, escolhendo uma mulher (ou grupo de mulheres) que tivesse uma boa história para contar e sistematizando a experiência. Dessa forma foram agendadas oito oficinas estaduais para replicar experiências e tendo agora como facilitadora a liderança de cada estado que participou da oficina matriz.



## Resultados

Foram realizadas oito oficinas estaduais, com intercâmbio de experiências, trazendo mulheres dos diferentes municípios e comunidade para conhecer e valorizar as práticas das companheiras vizinhas. Esses momentos de formação também incluíram o diálogo sobre passos a da sistematização. Nos estados de Sergipe, Alagoas e Paraíba, pela proximidade geográfica das experiências e pelo número de mulheres envolvidas, foi possível realizar duas visitas e sistematizar duas experiências.

Ao final do processo, com o apoio de editais acessados para mobilizar os recursos necessários, foram publicados doze boletins com as experiências das mulheres – e também sistematizados pelas mulheres. Esses produtos reforçam diretamente a valorização do conhecimento e o aumento da autoestima das mulheres envolvidas, além de sensibilizar novas mulheres para a importância da agroecologia e do processo auto-organizativo.

Um dos grandes aprendizados relatados pelo grupo na avaliação foi que, mesmo vivendo no Nordeste, algumas companheiras de diferentes biomas não conhecia de perto a realidade da seca. E o fato de realizar a atividade numa situação de convivência com as famílias e na precariedade da falta de água, dormindo todas juntas e nos sensibilizando quanto ao consumo consciente, fortaleceu nossos laços de solidariedade e amizade.

Outros depoimentos apontaram que apesar das dificuldades, as mulheres tem buscado formas de se organizarem e resistirem no seu local, tornando-o viável. E quando se tem apoio torna-se mais fácil sair de uma situação de insegurança, ressaltando o papel das políticas públicas nesse processo. Um dos aprendizados mais transformadores foi de que o *saber* não é privilégio de quem estudou em instituições formais. Nós, mulheres, podemos enquanto grupo/organização aprender umas com as outras e repassar esse conhecimento do nosso jeito. Nós somos sujeito e não somente público beneficiário.



A partir dessas oficinas, nós visibilizamos nossas experiências para nós mesmas, começando a nos enxergar de outra forma, entendendo nossas práticas como algo a ser multiplicado – e estimulando outras mulheres a começarem produzir seus alimentos. Além disso, em 2013 recebemos o Prêmio Mulheres que Produzem o Brasil Rural Sustentável, da Secretaria de Políticas para as Mulheres, com experiência das mulheres de Mata Grande que foram até Brasília participar da cerimônia de premiação. Em 2014, o relato das nossas experiências foi um dos vencedores do Prêmio Margarida Alves de Estudos Rurais de Gênero, do Ministério do Desenvolvimento Agrário, mostrando mais uma vez a força e o protagonismo das mulheres trabalhadoras rurais do Nordeste.